

A POESIA EDUCA

Gilmar Leite Ferreira¹

Introdução

O artigo é uma reflexão sobre a poesia como uma possibilidade de educação do homem. Neste sentido, este trabalho de pesquisa compreende a educação pelo viés da sensibilidade, tendo como aporte teórico a filosofia de Merleau-Ponty e o método fenomenológico da experiência vivida, como sendo um campo reflexivo e aberto à experiência do Ser no mundo. Os objetivos mostram-se através da busca de uma compreensão da relação corpo-poesia para uma educação dos sentidos, a qual transforma o homem para uma melhor convivência consigo mesmo e com o mundo do qual faz parte.

Esta pesquisa mostra uma educação aberta à experiência sensível, diferente da educação tradicional, que tem como fim os conteúdos estabelecidos e os objetivos específicos a serem seguidos e conquistados. Aqui, se expressa uma educação que emerge do sensível através da palavra encarnada que afeta os sentidos, tornando o ser humano mais sensível e aberto e si mesmo e ao mundo que o cerca. Assim, a pesquisa caminha na estrada da reflexão sensível e da experiência estética como horizontes de percepção para a compreensão de uma educação dialogada com a poesia, tecida sensivelmente no corpo e ampliada pela relação do homem consigo mesmo e com o mundo em que está inserido, ampliando a existência para uma vida mais lúdica e prazerosa.

Para tornar possível a educação por meio da poesia, foi preciso buscar uma experiência vivida. Isso se deu por intermédio das oficinas de poesia realizadas nas escolas públicas das cidades de Apodi, Mossoró e Caicó (RN), envolvendo 90 professores e 50 alunos. O período foi o ano de 2008, nos meses abril, maio e junho.

A metodologia usada nas oficinas de poesia foi a dialogicidade, que abriu espaços para que professores e alunos estivessem sempre trocando ideias, buscando caminhos e refletindo juntos sobre a poesia como educação, sobre como fazer poemas e como expressá-los nas declamações. Nos diálogos, buscamos como deveriam ser construídos os recitais, as poesias e os textos falando sobre a importância da poesia na educação. Ao compartilhar os mesmos

¹ Doutorando em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Educação Física. Grupo: Corpo e Cultura de Movimento – GEPEC Linha de Pesquisa: Filosofias do Corpo. Laboratório VER (Visibilidade do Corpo e da Cultura de Movimento) Contato: poetagilmar@gmail.com

pensamentos, foi possível perceber que a literatura de cordel seria o melhor estilo literário para a construção dos poemas, pois a maneira de falar dos sertanejos já possui naturalmente toda uma sonoridade e um ritmo que se encaixam muito bem no estilo literário por nós escolhido. Os diálogos foram relevantes porque encontramos trilhas necessárias para que professores e alunos, uma vez apropriados das técnicas de construção poética, fizessem uma poesia ligada à experiência vivida e a expressassem nas leituras recitativas, o que nos deu uma boa oportunidade para refletirmos, de forma dialogada, sobre a importância da poesia na construção de um conhecimento sensível no que diz respeito à educação dos sentidos.

O processo de registro e de avaliação deu-se pela construção dos versos e pelos recitais no fim de cada oficina. Por intermédio da produção poética, foi possível perceber o desenvolvimento criativo dos professores e alunos que, apesar de nunca terem feito poemas, conseguiram realizar boas produções poéticas, por meio das trocas de sugestões entre eles. Os recitais também se transformaram em momentos de avaliação e registro da experiência estética por meio da poesia, repletos de alegria e prazer, por conta da realização de um conhecimento que se estendeu no campo da expressão e da comunicação sensível.

A experiência estética na educação dos sentidos

Percorrer o mundo vivenciado por meio da poesia desperta o poder interior de perceber coisas belas que nos afetam e nos transformam, proporcionando uma abertura mais ampla da dimensão corpórea, a qual eleva os sentidos para um estado uno de sensibilidade e expande o horizonte da existência para a experimentação de um educar-se através dos caminhos da criação e do viver estético. Neste sentido, o texto traz a reflexão sobre a experiência estética como uma manifestação sensível do ser no mundo.

O sensível é precisamente o meio em que pode existir o Ser sem que tenha de ser posto; a aparência sensível do sensível, a persuasão silenciosa do sensível é o único meio de o Ser manifestar-se sem tornar-se positividade, sem cessar de ser ambíguo e transcendente. O próprio mundo sensível no qual oscilamos, e que constitui nosso laço com *outrem*, que faz com que o outro seja para nós, não é justamente como sensível, “dado” a não ser por alusão (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 199).

A educação sensível se faz através da dialogicidade entre o homem e a poesia, na qual não existe o outro isolado, mas um entrelaçamento da palavra poética com o ser humano. Viver o estado poético é mergulhar no mais profundo de nós mesmos e dimensionar a vida pelas constelações dos sentidos, clareando o horizonte do viver e levando aos outros seres sensações que afetam a existência dos que vivem envolvidos com o mundo do sentir poético. Essa viagem cosmológica das estrelas do estado poético não tem ponto de chegada, nem

previsibilidade para o que possa acontecer. Tudo ocorre de repente, transportando o corpo por trilhas sensíveis, as quais impulsionam o viver para um mundo construído por infinitas possibilidades de novas existências.

O estado poético nos enreda pelos enigmas do existir e nos implica nos desvãos de suas dobras e curvaturas imponderáveis; dispõe-nos para os encontros com os vazios e as cheiras, com as ambiguidades e os paradoxos do humano. O poético não procura decifrar os enigmas do existir, do mundo, nem destrinchar seus paradoxos. Leva-nos a escutá-los e nos implica com estes como expressões dos espectros do fundo sem fundo, da incomensurabilidade dos labirintos que compõem o existir humano. Adentra-nos confins das dimensões intuitivas e imaginárias em que habitam imagens incontornáveis que plasmam nossas crenças, sentimentos e valores fundos. Esse estado de poeticidade nos mergulha nas esferas do ontológico e nos faz adentrar na inteireza e na expressividade originária e originante do ser, do ser-sendo, nos fluxos de suas ondas e partículas, de suas luzes e sombras (ARAÚJO, 2008, p.124).

Vivenciar uma educação sensível, fulgurada pelas estrelas da poesia, proporciona ao homem uma melhor compreensão estética sobre as coisas da vida, ressignificando o viver e o mundo, sem a pretenciosa vontade de salvar a humanidade das mazelas espirituais, emocionais, sociais e econômicas presentes nas sociedades contemporâneas. Em vez disso, o objetivo é, por meio da poética, propiciar uma maneira sensível de se viver numa sociedade dominada quase que exclusivamente pelo mundo da tecnologia, do consumismo e da violência desenfreada. Por isso, torna-se necessário buscar na poesia uma maneira de educação que possa abrir diversos horizontes para um saber e um viver humano, em que as coisas do belo poético conduzam o homem a uma nova dimensão, numa dialética entre a existência e a sensibilidade, abrindo ocultas trilhas na vivência sensível.

A educação como prática de transformação precisa encontrar, na unicidade do homem, uma nova forma de perceber as coisas que estão intrinsecamente entrelaçadas com o universo do sentir, pensar, agir e mover-se. Nesse sentido de unicidade entre o conhecimento e a sensibilidade, abrem-se espaços para a construção de um saber estético, movido pelo entrelaçamento das afeições do sentir corpóreo e da cognição sensível. Por isso, a educação que busca novos caminhos necessita ampliar o horizonte dos sujeitos nela inseridos para que estes sejam capazes de transformar a si mesmos e o mundo em seu entorno e para que todos sejam ensinantes e ensinados, entrelaçados pelas coisas do aprender, dialogado pelo mundo da experiência vivida (FREIRE, 2007).

Poetizar a educação é poetizar a vida com a mesma união presente no ato do colibri ao beijar a flor, buscando o seu perfume. A educação precisa de uma criação sensível que impulsiona o prazer pelo aprender e busque, na imaginação poética, o caminho do saber que tem na beleza o seu porto seguro. A experiência de cada um se dá também a partir de sua sensibilidade.

Conforme nos assegura MEDEIROS (2008, p. 149), a educação sensível “ensina que os corpos não podem ser considerados homogêneos, pois cada indivíduo atribui sentido à vida, à sua existência a partir das suas experiências, a partir da sua abertura ao mundo, de sua percepção que se abre e é, da mesma forma, aberta às coisas”.

De mãos dadas, educação e poesia nos levam a uma jornada de prazer e alegria, de descobertas e de revelações a todos os instantes, de desconstrução e reconstrução a cada momento. Ambas buscam novos horizontes para a eclosão da expressão, da comunicação, da sedução da inteligência criativa e das maneiras espontâneas e prazerosas na produção do conhecimento.

Viver a poesia é viver o mundo! É se comunicar por meio dos sentidos com os acontecimentos que se passam ao redor de nós mesmos. É desvelar, a cada instante, uma nova forma de sentir e perceber as coisas. Quando a poesia transborda, ela enche o corpóreo como o rio inunda o mar, e as eternas ondas das sensações não param de beijar as areias do corpo, numa metamorfose corpórea que revela novas linguagens. É se entregando ao mundo e ao sensível que o ser poeta se transforma em poesia (MERLEAU-PONTY, 1999). Nesse propósito de entregar-se, a poesia encontra, na sensibilidade, um mundo de sentidos que impulsionam os elementos estéticos da educação criativa e sensível, nos mostrando que

como processo que pode conduzir aos compassos de reencantação da vida, do mundo, a ação de educar carece de invenção e de reinvenção constantes, tanto em seus modos e formas, como nos repertórios de seus conteúdos. Carece de processos que conduzam à admiração, ao espanto; aos “momentos *de encantamentos*” (Jandira) que implicam em constante renovação. A alquimia desses processos de renovação supõe espíritos e corações despojados para que possam estar se recriando e se reinventando no suceder das contingências existenciais (ARAÚJO, 2008, p. 213).

A poesia eleva o estado de ser e estar a uma condição única de entrelaçamento entre o Ser e os sentidos, como forma ontológica do mundo vivido e percebido, revelando a existência por meio da linguagem. “A experiência poética supõe as experiências humanas crucialmente básicas, vividas ou intuídas, delicadas ou violentas, singulares e universais, a se exprimirem na ‘vida das [...] retinas tão fadigadas’, a se transformarem silenciosamente em quem as vive” (NOVAES, 2005, p. 33).

O mundo da poesia é singular e múltiplo ao mesmo tempo. Ele é singular quando revela o Ser na sua forma única de existir e é múltiplo quando é fruto da experiência de mundo vivida. Portanto, a poesia é a maneira do homem perceber o mundo, mas ela só se revela quando o homem é tomado pelo mundo. Por isso, ao entregar-se ao mundo, de ser parte dele, o homem se percebe dentro da cultura em que está inserido. Pela poesia, este entregar-se busca o sentido de humanização através do educar-se. Neste sentido de entrega,

reconhecemos a poesia não apenas como modo de expressão literária, mas como um estado do Ser que advém da participação, do fervor, da admiração, da comunhão, da embriaguez, da exaltação e, obviamente, do amor, que contém em si todas as expressões desse estado. A poesia é liberada do mito e da razão, mas contém em si a sua união. O estado poético nos transporta através da loucura e da sabedoria, e para além delas (MORIN, 2001, p. 9).

As trilhas do viver prosaico geralmente são determinadas pelas obrigações das atividades diárias, fazendo com que saibamos os itinerários que iremos percorrer para realização da própria sobrevivência, como a rotina do trabalho e outras tantas coisas que sempre realizamos. Mas, proporcionar o viver poético nos momentos citados torna a dimensão do viver diário mais integrado com as coisas do espírito, da alma, do corpo, enfim, preenche-nos de uma maior satisfação interior em relação ao nosso cotidiano.

A educação entrelaçada com a poesia configura-se na dimensão da plasticidade corpórea, despertando para uma convivência lúdica, na qual o saber entrelaça a relação sensível entre educador/educando, causando uma leveza pelo fazer, dizer e viver poético, afastando a ferrugem da austeridade e despertando o fluido de uma construção do conhecimento dialogado sensivelmente. O viver poético nos fala da ludicidade do educar, pelo viés da sensibilidade, para uma abertura mais ampla do estado de existência.

Os estados de abertura, de disposição do corpo e do espírito, provocados pela ludicidade, trazem “descontração, leveza”, fomentam a expressão do espírito inventivo, da cromaticidade das afecções, da imaginação criante, levando também à compreensão dos limites e das possibilidades do existir, na plasticidade de seu jogo sincopado. Destarte, é primordial no educar tecer uma relação coexistencial entre o lúdico e o lúcido, potencializando vivências, tanto prazenteiras como espirituosas. Assim, o corpo e o espírito podem copular na jorrância da dança brincante dos ritos que alumbram (ARAÚJO, 2008, p. 205).

De certa maneira, a modernidade tecnológica do saber imediato e produtivo, para atender ao mercado de consumo, embalado pelo capitalismo, tem abolido o saber de uma produção espiritual da existência humana, afastando das práticas escolares a experiência poética vivenciada pela construção de poemas, pelas declamações, pelos momentos de descontração e pela alegria do aprender sem o compromisso racional. A nova prática escolar, no entanto, deve estar vinculada a um viver interligado com as coisas do sensível para uma existência mais humana (RICOEUR, 2008).

Enquanto educação, a poesia move o prazer por aprender e por existir, pois sua força de energia orgânica e cultural impulsiona sentimentos profundos antes nunca sentidos, além de um novo despertar do mundo vivido e de reflexões que se instalam na “criação de sentidos – na percepção, nas emoções, no imaginário, na racionalidade”. É experiência das mais intensas, de nos sentirmos vivos. Enquanto poesia, realiza um trabalho pedagógico: educa a

sensibilidade, a imaginação, a inteligência (ANTONIO, 2002, p. 55-56).

A experiência estética amplia a existência, porque ela dimensiona a comunicação e, com isso, entrelaça o saber e a sensibilidade para a construção de um conhecimento aberto, vivo, que impulsiona a imaginação para algo novo e que nos desperta para coisas ainda não vistas nem ditas.

A inteligência encarnada na palavra poética é uma dança de significações: nas entrelinhas, raramente pensadas, na raiz dos sonhos e das analogias, nos limites do pensável e nas margens que se movem; nas vozes outras que não cessam de nascer e de transformar-se – A poesia educa enquanto poesia (ANTONIO, 2002, p. 56).

A educação democrática, no sentido ético e estético, busca a alegria do aprender, o sentido de humanização e não pode se resumir aos conteúdos programados e métodos prontos visando a objetivos determinados. Ela tem de abarcar o ser humano pelo universo dos seus sonhos e utopias alcançáveis, despertando nele o sentido de humanidade, solidariedade e justiça, considerando que o ser humano não pode ser visto como algo acabado, mas em eterno processo de aprendizagem.

O ser humano “aberto” em que nos tornamos, a existência que inventamos, a linguagem que socialmente produzimos, a história que fazemos e a que nos faz, a cultura, a curiosidade, a indagação, a complexidade da vida social, as incertezas, o ritmo dinâmico de que a rotina faz parte mas não o reduz, a consciência do mundo que tem neste um não *eu* e a de si como *eu* constituindo-se na relação contraditória com a objetividade, o “ser programado para aprender” condicionado mas não determinado, a imaginação, os desejos, os medos, as fantasias, a atração pelos mistérios, tudo isso nos insere, como seres educáveis, no processo de busca de que falei (FREIRE, 2007, p. 23).

Reforçando e ampliando a reflexão acima ao incluir a importância da poesia para uma educação dos sentidos como um modo de constantemente despertar a sensibilidade para um melhor desenvolvimento humano, vejamos o que nos diz a professora Paiva (Apodi, RN) através de um depoimento sobre a relação entre poesia e educação.

Sendo a poesia um dos mais (ou o mais) subjetivos gêneros literários, ela é de grande importância para a educação que, por sua vez, é o mais precioso dos bens do ser humano. Poesia e educação juntas são um meio valioso de aprender e praticar o que se aprende, expressando seus sentimentos e respeitando o outro e suas opiniões. A poesia atribui à educação um valor inestimável, ao qual damos o nome de arte (PAIVA, 2008).

A construção de uma nova epistemologia necessita de desafios para se consolidar como um novo conhecimento e abrir espaços para outros saberes que possam ser produzidos pela experiência do homem no mundo vivido. Por isso, a experiência estética abre novas sendas para várias reflexões sobre o entrelaçamento da poesia com a educação na produção do conhecimento.

A estrada que leva à educação da sensibilidade tem mão dupla. Por isso, educação e poesia estão sempre se cruzando, interpenetrando-se e entrelaçando-se em busca de novos horizontes que ampliem o mundo das duas num único abraço, fazendo do calor corpóreo o descobrimento de inusitadas possibilidades de saberes novos para uma vivência na qual o sentir e o educar estão presentes na mesma viagem da existência. Nesse entrelaçamento da poesia com a educação, surge um abraço sensível de seres que partilham da mesma experiência estética.

O relato de uma professora de Apodi (RN), Maria da Paz, sobre a poesia como manifestação do sensível e (re)significação do Ser, revela a importância que ela atribui à poesia no contexto educacional para o desenvolvimento do homem, proporcionado pelo universo da expressão criativa. Isso vem reforçar as reflexões que foram desenvolvidas ao longo deste trabalho. Vejamos o que a professora nos diz:

A poesia consiste, enquanto gênero e tipologia textual, numa arte que funciona, ao mesmo tempo, como um “depósito” de ideário e sentimental para o indivíduo, que dela se utiliza para (re)significar o mundo a sua volta; reúne em si elementos de extrema relevância didática, constituindo-se, portanto num instrumento de valor indubitável a ser utilizado em prol da educação. Nesse sentido, a escola, enquanto instituição social a formar cidadãos por excelência, tem a obrigação ética e político-social de utilizar a poesia nas suas mais diversas vertentes textuais dentre os demais, por se tratar, sobretudo, de um gênero que possibilita ao indivíduo (o aluno) um encontro com o outro e consigo mesmo, tendo como decorrência disso sua afirmação identitária, bem como a sua “liberdade” de expressão construída sob uma ótica que lhe é muito particular, (MARIA DA PAZ, 2008).

A partir da reflexão dessa professora, podemos perceber como é possível trabalhar a poesia em sala de aula, saindo da forma tradicional de só estudar estilos literários e a biografia dos poetas, embora tais conhecimentos sejam importantes.

Os alunos, uma vez envolvidos de forma prazerosa com a poesia, produzem e se expressam de forma lúdica, mostrando sua experiência vivida e sua visão de mundo. Isso faz com que a poesia deixe de ser uma criação restrita a poucos e passe a ser uma atividade diária na vida escolar e social dos que nela estão envolvidos. É o que nos mostra a estudante Patrícia (Ensino Médio), da cidade de Caicó, durante as Oficinas de Poesia.

Como foi bom o passado
No meu tempo de criança!
Eu só via um mundo puro
Coberto de esperança. Hoje,
só resta a saudade
Dentro da minha lembrança.

Lembro, brincando na rua,
Sem medo da violência, Era
uma vida tranquila
De pureza, de inocência,

Só pensava na bondade
Nascida da consciência.

A poesia não é um meio para educar o homem. Ela, por si própria, educa-o, deixando o homem mais focado para a vida e para o mundo que o cerca, tornando-o mais aberto aos acontecimentos da sociedade em que está inserido. Ela evoca, das profundezas dos sentidos, novas formas de perceber o mundo para além da visão comum, que só percebe o visível que se mostra de forma clara para quem o observa por um olhar determinado.

A educação, como campo aberto ao mundo fenomenológico da experiência vivida, tem um leque amplo para a possibilidade de novos conhecimentos, pois seus sentidos e significados são inesgotáveis para a ampliação do Ser no mundo vivido. Nóbrega, citando Rezende, nos mostra os três sentidos da perspectiva fenomenológica da educação: “A Educação dos Sentidos, a Educação da Inteligência e a Orientação da Existência”. Vejamos o que a pesquisadora nos diz:

A educação dos sentidos diz respeito à condição corporal do homem e a sua existencialidade. Aprender a ouvir, a ver, a cheirar, a degustar, a sentir são fundamentais na apreensão da realidade, ampliando a capacidade de percepção do mundo. A educação da inteligência diz respeito à capacidade de refletir e de acrescentar sentido, fundando-se na linguagem. E, por fim, a orientação da existência é relativa ao posicionamento dos sujeitos diante da realidade e à tomada de decisão. Assim, aprender a falar, ouvir, escrever, dançar, são aspectos da mesma aprendizagem significativa. (REZENDE, 1990 apud NÓBREGA, 2000, p. 66).

O entrelaçamento dos sentidos na educação através dos caminhos da perspectiva fenomenológica mostra que não se pode pensar em uma educação centrada apenas na cognição, aceitando que é somente a mente que faz o homem produzir conhecimentos. O mito do racionalismo cego não enxerga que são os momentos de arrebatamento das emoções que impulsionam nosso processo criativo. A criação é uma manifestação humana, independentemente do que seja. É impossível o homem criar algo em que esteja presente somente uma parte dele. Mas, criar através da poesia torna a vida mais bela, constrói um sentido de ser mais profundo, pois ela traz, da profundidade da dimensão corpórea, significações latentes que eclodem na entrega do corpo ao mundo vivido.

A educação prazerosa, do fazer alegre e espontâneo, entrelaçada com os encantos da poesia, desperta, dos sentidos, possibilidades para uma vivência sensível. Essa educação faz emergir, das grutas da dimensão corpórea, um estado de leveza, de suavidade e de fluência brilhante da expressão criativa. As palavras poéticas nos proporcionam afeições sutis que, da sedução das coisas não ditas, nos penetram como flechas delicadas de versos e fazeres, dando-nos significados para uma existência mais ampla, interligada com as coisas do mundo e de nós

mesmos, enquanto seres que pensam, sonham, agem, criam, se movem, se comunicam, se expressam e constroem novas formas de convivências.

Desse modo, podemos perceber a educação pelo viés da sensibilidade, na qual a poesia mexe e remexe com a existência. A poesia cava grotas profundas no solo da sensibilidade, penetra nos cantos mais profundos do corpóreo, alivia e causa dores, junta paradoxos para afastar as antíteses e depois, de uma forma inusitada, impulsiona uma dialética das coisas opostas, sem fechar-se numa síntese.

Viver o estado poético numa época de tanta fragmentação é uma luta constante contra todo o processo de mecanização e coisificação que desconstrói o ser humano, dando vez e lugar ao embrutecimento. A educação, como um campo para a construção do conhecimento do homem e do mundo, da produção de novos saberes e de uma realidade sempre nova, necessita entrelaçar-se com as coisas do sensível e descer no rio da imaginação criadora. Precisa banhar-se nas águas de um viver aberto e profundo, rompendo as barreiras do determinismo das coisas prontas e estáticas, fertilizando o campo da compreensão do homem e do mundo, inundando as pradarias dos saberes lúdicos, espontâneos, alegres e vivenciados, para depois desaguar no oceano das imprevisibilidades e das indeterminações, que não param de se mover e criam novas e imensas ondas de significados. Neste sentido, a educação entrelaçada com a poesia, na perspectiva da filosofia de Merleau-Ponty, torna-se móvel e, assim, renova-se a cada movimento.

Não podemos mais pensar uma educação que não esteja entrelaçada com o mundo da sensibilidade. É hora de refazermos nossas concepções e partirmos para uma educação reversível, que desconstrua o pensamento positivo e destrua os concretos da razão fechada, com seus determinismos congelados há séculos. Por isso, devemos desconstruir a educação que cristaliza o humano, como se fosse um protótipo pronto e determinado.

Pedagogias instrucionais instituem processos de empadronamento dos indivíduos aos estatutos de suas lógicas homogeneizantes. As diferenças são comprimidas e pretensamente diluídas para que estes sejam docilizados e conformados pela uniformidade de suas lógicas. Instala-se assim, uma pedagogia de rebanho que pretende reduzir os indivíduos a seres bem comportados e controlados por suas leis e normas que aprisionam e bestializam (ARAÚJO, 2008, p. 196).

O outrora mundo da razão fechada para as coisas do sensível, hoje, já começa a se abrir para os encantos da sensibilidade, recebendo-a como um conhecimento importante para a produção de uma nova epistemologia, construída por intermédio dos valores do espírito, da alma, da sensibilidade, do corpo, enfim, do homem na sua unicidade existencial.

De mãos dadas, educação e poesia levam-nos a uma jornada de prazer e alegria, de descobertas e revelações a todos os instantes, de desconstrução e reconstrução a cada momento. Ambas buscam novos horizontes com a eclosão da expressão, da comunicação, da sedução da inteligência criativa e das maneiras espontâneas e prazerosas na produção do conhecimento. Educar por meio da sensibilidade diante de uma gigantesca revolução tecnológica que vivenciamos é um desafio constante se “considerarmos que a educação dos sentidos torna-se ainda mais relevante no momento em que vivemos, no qual é possível perceber que a apropriação/criação de sentidos está fadada a muitos empecilhos ou equívocos em nossa cultura” (PORPINO, 2006, p.136).

Viver a poesia é viver o mundo! É se comunicar por meio dos sentidos com os acontecimentos que se passam ao redor de nós mesmos. É desvelar, a cada instante, uma nova forma de sentir e perceber as coisas. Quando a poesia transborda, ela enche o mundo corpóreo como o rio inunda o mar, e as eternas ondas das sensações não param de beijar as areias do corpo, numa metamorfose corpórea que revela novas linguagens. É se entregando ao mundo e ao sensível que o ser poeta se transforma em poesia (MERLEAU-PONTY, 1999). Nesse propósito de entregar-se, a poesia encontra, na sensibilidade, um mundo de sentidos que impulsionam os elementos estéticos da educação criativa e sensível, nos mostrando que,

como processo que pode conduzir aos compassos de reencantação da vida, do mundo, a ação de educar carece de invenção e de reinvenção constantes, tanto em seus modos e formas, como nos repertórios de seus conteúdos. Carece de processos que conduzam à admiração, ao espanto; aos “*momentos de encantamentos*” que implicam em constante renovação. A alquimia desses processos de renovação supõe espíritos e corações despojados para que possam estar se recriando e se reinventando no suceder das contingências existenciais (ARAÚJO, 2008, p. 213).

A educação entrelaçada com a poesia configura-se na dimensão da experiência sensível, despertando para uma convivência alegre, na qual o saber entrelaça a relação entre educador/educando, causando uma leveza pelo fazer, dizer e viver poético, despertando a vida para a construção do conhecimento dialogado sensivelmente. O viver poético nos fala da ludicidade do educar pelo viés da sensibilidade para uma abertura mais ampla do estado de existência.

Não há uma poesia para a educação, como se fosse um meio procurando um fim. O fim, o meio e o começo estão unidos, como a raiz, o tronco e os galhos de uma árvore. Todos são partes de um todo. Nenhum se mostra isoladamente e vive sem o outro.

A poesia, enquanto imaginação, sempre caminha para um mundo aberto aos seus passos de criatividade e, abraçada com a inteligência sensível, realiza-se na construção de algo novo. É nesse caminhar infundável e imprevisível que ela se faz educação.

O poema, enquanto forma específica de conhecimento do mundo e, ao mesmo tempo, enquanto mundo construído imaginariamente, realidade nova, que não existia antes, e que também cria a realidade, o poema é deflagrador de viagens imaginárias. O poema chama a travessias. O poema, quando autêntico, nasce e cresce com a imaginação inquieta e anelante, imaginação que se faz livre, imaginação não administrada por nenhuma das instituições de produção cultural que nos dominam. O poema: imaginação de ruptura, de invenção do novo: novas relações, novas imagens, novas metáforas, alargando os limites da consciência possível. Imaginação amante e também constituidora da realidade, que se faz renovada com a emergência de novos continentes do *vivido e por viver*, do que se fez, do que se faz e do que se há de fazer. O poema leva a imaginar, leva a criar, leva a viver (ANTONIO, 2002, p. 78).

A poesia nos proporciona a reinvenção de nós mesmos através de um diálogo sensível com o que nos cerca, diante de um mundo cada vez mais embrutecido pelas relações vazias e mecânicas. Esse mundo de confronto do homem com sua interioridade o afasta da existência de uma espiritualidade alegre, criativa e lúdica. Por isso, uma educação do sensível por meio da poesia dimensiona a vida de uma maneira mais leve, nesta época de tanta frieza emocional, de embrutecimento e violência assustadora.

A educação como rito de iniciação implica numa compreensão desta como ação viva, tecida de modo teórico e vivencial, nos processos de afirmação e de renovação dos sentidos humanos. Ou seja, através da articulação de saberes/conteúdos (repertórios culturais), de processos de meditação e de ruminação teórica, e conjuntamente, de forma simultânea e alternada, através de experiências vivenciais em que os saberes e sentires são mediados por momentos de fruição em que o corpo e o espírito copulam com intensidade (ARAGÃO, 2008, p. 192).

O momento de fruição sensível do estado poético por meio da experiência estética entre corpo e poesia faz compreender os estudos e as reflexões acerca da relação de uma educação sensível, aberta a novos horizontes que possibilitem a sua reversibilidade, desconstruindo a educação tradicional que enclausura o ser humano através de métodos fechados e de conteúdos repetitivos que programam o ensinar para as coisas estabelecidas.

O mundo em que vivemos, embrutecido pelas relações mecânicas das sociedades contemporâneas, precisa de novas pedagogias que revertam o quadro presente, despertando no humano o prazer pelas coisas da beleza e do viver sensível.

Temos de pensar a poesia não estando no além, afastada do mundo contemporâneo, pois ela precisa do mundo como o mundo precisa dela. A poesia necessita de corpos, de sentimentos, dos campos férteis da educação, do bailar da alma, da sinfonia da natureza, do tocar de corpos, do sorriso da criança, dos infindáveis jogos da percepção, da inteligência criativa dos labirintos interiores dos sentidos, das regiões profundas da alma, do erotismo dos corpos, dos abraços calorosos, do silêncio, da paz e da harmonia... A poesia precisa... Precisa de tudo. O mundo também precisa da poesia! Precisa da sua ternura, da sua delicadeza, da sua maneira

de mostrar a vida, de ser o nosso olhar para perceber o visível e o invisível, de mostrar a natureza, da sua linguagem de encanto e revelação, da sua forma de humanização, de seu jeito de transformar as pessoas e da sua maneira singular de educar os sentidos.

Considerações Finais

Depois de várias reflexões acerca da relação poesia e educação, de debater com outras pessoas, de ouvir depoimentos de professores que trabalham com o assunto abordado, de estudos, leituras e da própria experiência vivida, foi possível perceber que poesia e corpo possibilitam uma educação que emerge da sensibilidade, afetando a existência humana e tornando os sentidos mais abertos para as coisas do mundo e de si mesmos.

A pesquisa fenomenológica, sob a luz da filosofia de Merleau-Ponty, dialogada com outros autores, como Paulo Freire e demais pesquisadores, trouxe uma compreensão momentânea sobre a relação entre tais conhecimentos. A ciência, com todo seu rigor necessário, tem plena consciência de que não funciona como um valor de verdade absoluta, e mostra-se sempre como um campo aberto para novos estudos e novas pesquisas. Por isso, este trabalho buscou fechar algumas lacunas de outras pesquisas e abrir espaços para novas investigações que possam aprofundar os questionamentos sobre a relação entre poesia e educação como possibilidade em que se faz presente, num fazer e refazer da existência, a educação tecida de sensibilidade.

Referências Bibliográficas

ANTONIO, Severino. *A utopia da palavra: Linguagem, Poesia e Educação*. Rio de Janeiro: Editora Lucena, 2002.

ARAÚJO, Miguel Almir de. *Os sentidos da sensibilidade: sua fruição no sentido de educar*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Política e Educação*. São Paulo: Villa das Letras, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *O visível e o invisível*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

_____. *O Fenômeno da Linguagem*. In: *Os pensadores*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1989.

NÓBREGA, Teresinha Petrucia da. *Corporeidade e educação física: do corpo-objeto ao corpo-sujeito*. Natal: EDUFRN, 2000.

PORPINO, Karenine de Oliveira. *Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética*. Natal: EDUFRN, 2006.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.